

A LEITURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO SUPERIOR

Maria do Socorro Corrêa da Cruz¹
Keila Maria Veras Soares Silva²

RESUMO

A pesquisa consiste num levantamento por meio de questionários para identificar as práticas de leitura dos docentes em sala de aula, bem como as dificuldades de praticar a leitura e a significância no processo de ensino aprendizagem dos docentes. Os sujeitos da investigação foram docentes, sexo masculino e feminino de diferentes disciplinas do 1º ao 8º períodos do Curso de Pedagogia de uma instituição superior privada, Faculdade do Maranhão em São Luís - MA. Os resultados apontam que os professores praticam a leitura em sala de aula e outros somente indicam a bibliografia da disciplina. Os professores que não praticam a leitura revelaram que é pela natureza da disciplina ministrada e pela necessidade de diversificação das metodologias de aplicação de conteúdo em sala de aula. Os professores destacaram que a maior dificuldade em promover a leitura, ocorre pela não disponibilidade dos materiais bibliográficos na biblioteca. Por fim, constatou-se a significância da leitura, como fonte de conhecimento e informação, atividade de prazer, atualização profissional e por último uma prática obrigatória. Conclui-se que o professor é o maior motivador da leitura e tem o papel de fomentar a prática de leitura em sala de aula para criação do hábito em diversos outros ambientes.

Palavras-chave: Leitura, Prática de leitura, Prática pedagógica, Prática docente.

INTRODUÇÃO

As práticas pedagógicas são inúmeras e suas abordagens implicam em um processo de reconstrução do saber docente que se apoiam em questões relativas, tanto aos estudos sobre o processo de ensino e aprendizagem, quanto à formação do professor. Portanto, ao se falar em práticas pedagógicas significa revisitar e reanalisar ações do cotidiano do professor com suas representações e significados variados que, apesar das diversidades, se tornam singulares no cotidiano do docente.

Dentre essas práticas pedagógicas, destacam-se as práticas de leitura, inseridas dentro de uma prática didática, em sentido mais amplo, classificada como uma prática sociocultural, que são conduzidas por uma condição social e que também são adquiridas por diversos meios e objetivos diferenciados, envolvendo os mais variados atores sociais, professores, alunos, bibliotecas, livrarias editores.

¹ Professora e bibliotecária da Faculdade do Maranhão. Mestra em Ciência da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa. E-mail: facambiblioteca@yahoo.com.br.

² Professora e coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade do Maranhão. Especialista em Psicopedagogia e Educação Infantil. Email: soares.keila@hotmail.com

A leitura é uma habilidade inquestionável que faz parte de toda a história do homem, entretanto, a realização de uma leitura não é uma atividade tão simples. Assim ler significa, fundamentalmente, compreender o que foi lido, mas não basta apenas decodificar os signos, é preciso que o leitor atribua significado à leitura, tornando-se um leitor proficiente agregado de habilidades tais como: criatividade, motivação e criticidade, habilidades indispensáveis no processo de ensino e aprendizagem. O processo da leitura envolve aspectos físicos, emocionais, cognitivos, sociais e culturais, possibilitando ao leitor interagir com o texto a partir de suas vivências e tornando-se capaz de produzir sentidos diversos a respeito do que ele lê e da sua existência enquanto cidadão (LERNER, 2002). Portanto, a presente investigação visa descrever as práticas de leitura, dificuldades e a importância da leitura dos docentes da Faculdade do Maranhão na perspectiva de prática pedagógica em sala de aula.

METODOLOGIA

A pesquisa consiste numa abordagem descritiva que segundo Gil (2015) envolve a realização de questionários com pessoas que viveram experiências práticas e análise de exemplos que permitem a compreensão e descrição dos fatos. Portanto, fez-se um levantamento por meio de questionários com 10 perguntas fechadas para identificar as práticas de leitura dos docentes em sala de aula, bem como as dificuldades de praticar a leitura e a importância da leitura no processo de ensino aprendizagem dos docentes. Os sujeitos da investigação foram 20 docentes, sexo masculino e feminino de diferentes disciplinas do 1º ao 8º períodos do Curso de Pedagogia de uma instituição superior privada, Faculdade do Maranhão em São Luís - MA.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Abordar sobre práticas pedagógicas requer uma compreensão de todo ambiente escolar, no qual são adotadas essas práticas, que, por sua vez, são marcadas, influenciadas e determinadas por aspectos socioculturais, relação de produção, classes sociais, cultura e ideologias, que vão se moldando e que rodeiam o espaço escolar, particularmente, nas ações desenvolvidas em sala de aula, nos conteúdos e nas metodologias de ensino e aprendizagem.

Além disso, tratar sobre práticas pedagógicas significa rever paradigmas, conceitos, comportamentos e ações impregnados no “ato de ensinar” no mundo do sujeito, suas experiências cotidianas e os significados atribuídos às mesmas. Então, pode-se dizer que as

práticas pedagógicas consistem num sentido dado a todas essas experiências que constituem a realidade do sujeito e essa realidade é socialmente construída. (ANDRÉ, 1995).

Nesse sentido, concorda-se com Freire (2005, p. 16) quando diz que no cotidiano escolar “reproduzimos aquilo que está de alguma forma enraizada em nossa consciência como prática social, resultante de um processo social maior e perpassa para nossas práticas do cotidiano e, assim, essas práticas produzem aprendizagem que reproduzem o ato de educar”. Nesta mesma perspectiva, Veiga (1992, p. 16) afirma que a prática pedagógica “[...] é uma prática social orientada por objetivos, finalidades, conhecimentos e inserida no contexto da prática social”. Pode-se ir além, a prática pedagógica, é uma dimensão da social [...] que consiste em uma “reprodução” com suas características socioculturais predominantes na sociedade. (BOUDIEU, 2010). E ainda sobre as práticas pedagógicas, Nóvoa (2000, p. 24) ressalta que:

[...] na escolha das melhores maneiras de agir, se jogam decisões do foro profissional e do foro pessoal. Todos sabemos que certas técnicas e métodos “colam” melhor a nossa maneira de ser do que outros. Todos sabemos que o sucesso ou o insucesso de certas experiências “marcam” a nossa postura pedagógica, fazendo-nos sentir bem ou mal com esta ou com aquelas maneira de trabalhar em sala de aula.

Assim, as atividades planejadas e desenvolvidas em todo o cenário educacional são executadas com objetivo de permitir uma transformação social ou podem ser atividades bancárias, conforme Freire (2005), tendo como dimensão depósito de conteúdo, transmissão e reprodução de conhecimentos com o objetivo maior de manter a estrutura dominante. Para André (1995, p. 81), em seus estudos realizados sobre prática docente revelaram que existe um saber que vai sendo construído pelos professores com base nas situações concretas encontradas no seu ambiente de trabalho e que são relacionados da seguinte forma:

- a) Ao tipo de aluno que eles têm,
- b) Às condições e aos recursos institucionais,
- c) Às representações que eles vão gerando sobre os seus trabalhos, as quais por sua vez decorrem de suas experiências vividas, seu meio cultural, sua prática social, sua origem familiar e social, sua formação acadêmica;
- d) Às interações sociais que o individuo desenvolve na sua vida cotidiana.

Zabala (1998, p. 16), por sua vez, enfatiza que a estrutura da prática obedece “a múltiplos determinantes, tem sua justificação em parâmetros institucionais, organizativos, tradições metodológicas, possibilidades reais dos professores, dos meios e condições físicas existentes [...]”. Mas, a prática é algo fluido, fugido, difícil de limitar com coordenadas

simples, e além do mais, complexa, já que nela se expressam múltiplos fatores, ideias, valores e hábitos pedagógicos.

Pode-se dizer então que a prática do professor decorre e se manifesta como processo histórico em que o indivíduo se reconhece. Essas práticas de certa maneira, são a reprodução do movimento de sua própria experiência; o professor, ao adotar uma prática, uma metodologia de ensino e aprendizagem em sala de aula, vai assumindo, transformando uma consciência de suas práticas, criando assim novas posturas. (FREIRE, 2005). Essa postura do professor é dinâmica em sala de aula, resultante de experiências que foram adquiridas durante toda sua trajetória educacional e profissional, suas práticas e suas representações.

Neste contexto, conforme Sacristán (1999, p. 69), existem várias práticas pedagógicas, tais como: *as práticas pedagógicas de caráter antropológico* – a exemplo, se tem a educação dos filhos que é uma prática social, constituindo uma cultura partilhada, em relação a qual se tem experiências e opiniões, mesmo em perspectivas distintas; *as práticas escolares institucionais* – a exemplo, têm-se a divisão entre o acadêmico e o profissional, seleção de acesso a determinados níveis do sistema e avaliações dos alunos no final dos ciclos de escolaridade; *práticas organizativas*, relacionadas à organização específica das escolas; forma de trabalhar dos professores, a divisão de tempo e espaço escolar, a articulação dos saberes e das disciplinas, critérios de organização das turmas e outras; *práticas didáticas e educativas* - são atividades dos professores e alunos num contexto e comunicação interpessoal dentro da sala de aula, relacionadas ao currículo; *as práticas concorrentes* - são aquelas ocorrem fora do sistema escolar, mas exercem influência direta sobre a própria atividade técnica do professor. A exemplo, têm-se os produtores de materiais didáticos, as editoras de manuais escolares.

Dentre essas práticas pedagógicas, destacam-se as práticas de leitura, inseridas na prática didática educativas, em sentido mais amplo, classificada como uma prática sociocultural, que são conduzidas por uma condição social e que também são adquiridas por diversos meios e objetivos diferenciados, envolvendo os mais variados atores sociais, professores, alunos, bibliotecas, livrarias editores.

A LEITURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

A leitura é uma prática pedagógica que permite construir, dar significado e não somente reconstruir um sentido. Implica uma relação pontual de uma polissemia do texto literário. A situação da leitura é em decorrência disso a revelação de uma das virtualidades significantes do texto. Assim, a leitura é uma situação de comunicação particular, aberta, é fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e dados

culturais. Pode ser uma atividade de lazer, aquisição de conhecimento que resulta em prazer indescritível pelos profissionais e amantes da leitura.

Numa perspectiva moderna, a leitura é capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos, codificados em qualquer meio. Pode-se dizer também que as leituras em seus diversos meios vão conduzindo o leitor para uma visão de mundo diferente da realidade daqueles que não leem. Então, através da leitura se adquire informações, transformando-as em conhecimentos para atender as diversas necessidades do ser humano. Assim, Garcez (2002, p. 23) afirma que:

A leitura é um processo complexo e abrangente de decodificação de signos e de compreensão e inteligência do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção. Lida com a capacidade simbólica e com a habilidade de interação mediada pela palavra. É um trabalho que envolve signos, frases, sentenças, argumentos, provas formais e informais, objetivos, interações, ações e motivações. Envolve especificamente, elementos da linguagem, mas também os da experiência de vida dos indivíduos.

Entretanto, nem sempre a leitura foi definida dessa forma e, além disso, terá alterado seu significado, expandindo-se no futuro de acordo a evolução da humanidade, o avanço tecnológico e dos meios nos quais a informação se encontrará. A leitura é uma habilidade fundamental, importante e vital para o desenvolvimento de qualquer ser humano, tanto no cenário profissional quanto no cenário pessoal. Na concepção de Zilbermam e Silva (2004, p. 45) “A leitura é como um meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural, podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e intensificar o poder de crítica por parte do público leitor, e assim expressar os anseios da sociedade”.

A leitura é atividade antiga que perpassa no tempo e as formas variadas de leitura, atualmente, são feitas com diversas finalidades, porém na antiguidade a leitura era uma maneira de ascensão social, nem todos tinham o privilégio de praticá-la, mesmo porque o principal produto cultural, o livro, não era acessível a todos. Somente aqueles das camadas mais abastardas tinham esse privilégio. Pode-se constatar que a prática de leitura se constrói, inevitavelmente sob várias circunstâncias e usos (CHARTIER, 2010, p. 14). A leitura é feita sob várias formas e, dependendo do tempo, vão se modificando para atender a diferentes necessidades.

Tratando-se da leitura no contexto universitário, pesquisadores, tais como Negrão (2004) e Oliveira (2009), dizem que a leitura na universidade deveria ser uma prática assídua e constante a todos que ingressassem, porque somente pela leitura as atividades acadêmicas serão desenvolvidas. E a partir destas práticas é possível conhecer as diversas abordagens

sobre determinado assunto, explorar sobre um objeto de pesquisa e assim construir novos conhecimentos através da produção científica.

Entretanto, alguns professores encontram dificuldade na prática de leitura, isso se deve, principalmente, a ausência de tradição no ensino do país, faltando-lhes práticas docentes que conduzam a formação de um leitor proficiente, ativo, reflexivo. As dificuldades existem e não se deve atribuir a culpa aos professores do ensino básico, ignorar, e não dando importância ao fato; esse processo da leitura é contínuo, inacabado, que vai deste o ensino básico ao ensino superior. É preciso oferecer oportunidades e caminhos para que o discente possa sanar suas deficiências, e isso depende do incentivo do docente e de todos envolvidos no sistema educacional.

Para Lerner (2002), a formação do leitor acontece a partir de suas relações enquanto sujeito com as leituras feitas de forma autônoma e também com as leituras que lhes fazem ao longo de sua vida. Contudo, o contexto social, político, cultural e afetivo, nos quais o sujeito está inserido, entrelaçam e influenciam as relações que serão estabelecidas entre o indivíduo e a leitura.

Para os leitores, as experiências que se têm da leitura são inúmeras e são adquiridas durante o percurso da vida e elas se apresentam com objetivos variados. Sobre as experiências de leitura, Freire (2008) diz que se iniciam antes mesmo de começar a ler a palavra escrita, a leitura não se limita à simples decodificação de signos, mas que se expande para melhorar a leitura que se faz do mundo. Pode-se dizer, então, que os caminhos da vida e da leitura estão interligados, o percurso de leitura carrega muito da biografia do leitor. Assim, pode-se observar e compreender diversos aspectos pessoais, através de suas memórias de leitura, opiniões, crenças e fatos que podem ser recuperados ou analisados a partir dessa fração de caminho.

Nesse sentido, percebe-se que as práticas pedagógicas são também representações das práticas de leituras, tais leituras com seus objetivos específicos e que tem contribuição nas atitudes e comportamentos do professor em sala de aula, na escolha dos conteúdos e nas metodologias aplicadas e, conseqüentemente, essas práticas reproduzem novos conhecimentos e assim se torna uma prática cultural. Mas, conforme Lerner (2002, p. 15), a prática de leitura e escrita é indissociável para concretizar o propósito de formar todos os alunos como praticantes da cultura escrita, e para tal é necessário: “Reconceitualizar o objeto de ensino e construí-lo tomando-o como referência fundamental as práticas sociais de leitura e escrita [...]”

Portanto, isso implica que a escola deve formar uma comunidade de leitores que encontre nas suas leituras respostas para os seus problemas, encontrar informações para compreender os vários aspectos do mundo, que respondam suas indagações, encontrar argumentações para defender suas posições na sociedade. É necessário que as instituições de ensino formem seus próprios escritores com visão crítica da realidade na qual se encontram; é necessário que a escola seja um âmbito de leitura com práticas vivas e atuantes de leitura. Em suma, ler é uma atividade orientada por propósitos, de busca de informações necessárias para resolver problemas práticos. Portanto, a leitura é uma prática indispensável e necessária na construção da própria cidadania.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ressalta-se que para que seja motivador ou mediador da leitura, antes, o professor necessita ser um leitor e tê-la como uma prática pedagógica inserida em todo processo de ensino e aprendizagem. Portanto, o principal objetivo desta pesquisa é descrever: as práticas de leitura dos professores. Se eles praticam ou não a leitura nas aulas. E se não praticam, quais são as dificuldades de promover a leitura em sala de aula.

Práticas de leitura dos docentes

Dos 20 docentes investigados, 60,7% revelaram que praticam a leitura em algumas aulas, e outros 29,2% praticam em todas as aulas. Somente uma pequena parcela (7,1%) apenas indica a bibliografia básica da disciplina para que possam fazer a leitura em diferentes ambientes e um percentual menor (3%) revelou que não pratica a leitura em sala de aula.

Destaca-se que o fato de alguns professores praticarem a leitura em todas as aulas e outros praticarem em algumas aulas, isto se dá pelo tipo de disciplina ministrada e a necessidade de diversificar as metodologias de aplicação de conteúdo em sala de aula. Algumas disciplinas que aplicam metodologias ativas exigem leitura como uma prática quer seja em sala de aula quer seja em casa ou qualquer outro ambiente, outras nem tanto. Mas, sem dúvida essa prática deve ser conduzida pelo professor em suas atividades, como prática pedagógica e metodologia ativa no processo de ensino e aprendizagem.

Demo (2007, p.28) procura questionar e fundamentar a importância da leitura na formação do educando e dos cidadãos em geral. Ele diz que “lemos para dar conta da realidade e de todos os desafios que dela recebemos ou a ela impomos”. A leitura de textos

escritos é mola propulsora da aprendizagem, condição por excelência do processo ensino e aprendizagem. Deve ser instrumento básico de todo e qualquer professor, qualquer que seja suas estratégias, metodologias de ensino, a base repousa na capacidade de o aluno compreender o texto.

Portanto, o professor, independente da disciplina que ministra e do nível de ensino que leciona, é co-responsável pelo ensino e aprendizagem da leitura. Cabe a ele conscientizar os discentes de que ler é uma atividade de busca na qual se trabalha as informações, transformando-as em conhecimentos.

Em suma, leitura deve ser contextualizada, fazer diferentes tipos de leitura, para diferentes textos. Deve haver o tipo de leitura em sala de aula e aquela feita em outros ambientes sobre os conteúdos ou assuntos que serão abordados na aula seguinte, para que o aluno tenha uma atitude ativa em sala. Para que possa questionar, refletir e analisar as questões postas em sala e relacioná-la com meio no qual está inserido. Antes de abordar sobre qualquer assunto o professor deve solicitar ou indicar a leitura e depois completar em sala de aula, sempre que possível e assim vai motivando ou contribuindo para a criação do hábito pela leitura.

Neste contexto, o professor tem papel fundamental de motivador, facilitador e mediador da leitura no processo ensino e aprendizagem. É extremamente importante conhecer os conceitos e bases teóricas sobre o processamento de textos escritos para uma ação pedagógica bem sustentada e fundamentada, pois, se o discente ainda não desenvolveu as suas competências necessárias e não sabe utilizar estratégias para a compreensão de textos, o docente deve criar caminhos para que isso aconteça.

Entretanto, observa-se que há algumas dificuldades encontradas pelos docentes em não promover a leitura em sala de aula e apresentaram os mais variados motivos, tais como: falta de material disponível na biblioteca, falta de motivação dos alunos e falta de hábitos gerados nos níveis inferiores.

Dificuldades da prática de leitura

Se o professor revela que não promove a leitura é pertinente saber quais são as dificuldades de promover a leitura em sala de aula. Assim, considera-se relevante detectar se o professor pratica a leitura em sala de aula e, além disso, se não pratica se há dificuldades de praticar e quais são elas?

Dos professores investigados, 34,8% revelaram que a maior dificuldade que têm em promover a leitura, ocorre pela não disponibilidade dos materiais bibliográficos na biblioteca. Já outros 26,2% revelam que não foram estimulados pelos níveis educacionais anteriores, tais como, ensino fundamental e médio. 28% revelou que não havia motivação do aluno e também não adquiriram o hábito de leitura nos níveis anteriores ao ensino superior. Somente 11% revelaram que não possuem hábito de leitura porque não houve estímulo gerado pela família.

Observa-se que a biblioteca pode ser facilitadora ou ainda o principal meio para aquisição de materiais de informações dos alunos. Se a biblioteca tiver os materiais sugeridos pelo professor, os alunos terão meios ou recursos para pesquisar e assim o processo ensino aprendizagem será mediado pela leitura. Mas, com os diversos recursos tecnológicos e meios de acessar as mais variadas fontes de informações, não se pode atribuir a responsabilidade de não ler os materiais bibliográficos por não fazerem parte do acervo da biblioteca.

Ressalta-se também que ensinar, aprender a ler e escrever são tarefas complexas, não exclusivas, do ensino básico, mas essencial durante toda a trajetória do sujeito. Enquanto ser social ou discente, deve-se criar o hábito da leitura e que essa leitura seja eterna e gratificante, ao considerar o envolvimento de professores e alunos para que ocorra a aprendizagem significativa do aluno.

Nas palavras de Foucambert (1994, p. 145), "ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo. Significa que certas respostas podem ser encontradas na leitura". O aluno deve ter acesso a diversos meios e tipos de leitura para construir uma resposta íntegra que parte de novas informações do que já sabia.

Mas, quais deverão ser as atitudes do professor como incentivador ou mediador no processo da leitura? O professor não pode errar, usando artificialismo quando lida com leitura nas aulas; não deve anular os sentidos e a dimensão dialógica da prática de leitura, já que, no planejamento didático, focaliza a leitura mecânica às vezes sem sentido, contrariando a experiência que os alunos têm com a leitura no seu dia a dia. Na pesquisa de Amorim (2010) "Retrato de Leitura no Brasil" a qual revelou que o principal motivador da leitura é o professor.

No ambiente acadêmico, o desafio que todos os professores enfrentam é para inserir os alunos na comunidade leitora ou à cultura do escrito. Lerner (2002) enfatiza que participar da cultura escrita pressupõe apropriar-se de uma tradição de leitura e escrita, supõe-se assumir uma herança cultural e isso tudo envolve diversas operações com os textos, e a colocação em ação dos conhecimentos sobre as relações entre os textos, entre seus autores, entre textos e seus contextos e deixar a leitura levar a várias dimensões da realidade.

O desafio dos docentes é conseguir despertar para a leitura a geração “nativos digitais” que nasceram na era digital quase entorpecida pela comunicação em meio digital. “Ler é uma prática que exige ficar só, que pede concentração, não oferece estímulo multimídia, mas, principalmente, pede o domínio da competência leitora e do letramento. Ler não é tarefa fácil para quem ainda não foi “conquistado” e é impraticável para quem não compreende aquilo que lê”. (FAILLA, 2016, p. 20). Nesse processo, o professor, exercendo papéis diversos como influenciador, motivador ou mediador deve ser capaz de eliminar ou amenizar os obstáculos encontrados pelos alunos. Para tal, o professor deve inserir essa prática em sala de aula ou estimular a leitura de assuntos relacionados ao contexto do aluno fora do ambiente escolar para criar o hábito de leitura.

Significância da leitura

Verificou-se a significância da leitura, e assim revelou-se que a maioria, 64,3% citaram a leitura como fonte de conhecimento e informação, 24,5% consideram a leitura como atividade de prazer. Os demais 6,2% a consideram como forma de atualização profissional e 5% uma prática obrigatória.

Ressalta-se aqui a importância da leitura como prática pedagógica e, além disso, como prática social que para Foucault (1994) é o produto de um *status* social que se constrói em determinadas condições sociais, o que significa dizer que a leitura, além de ser uma questão de técnica e prática pedagógica, é também de *status*, de estatuto de leitor. Modificar esta realidade é urgente, pois está em jogo não apenas condições favoráveis à sobrevivência nas sociedades contemporâneas, mas também a construção de sujeito social ativo e participativo.

Portanto, “Não se constrói um país de cidadãos conscientes, competentes e que compreendem criticamente o que leem e escutam sem lhes possibilitar o acesso a livros e leituras de qualidade”. (FAILLA, 2016, p.20). Tais transformações operam-se legitimamente, não de forma solitária, mas no conjunto das relações sociais, tanto no sistema produtivo como na vida das coletividades, nos meios de informação, na participação política, na família e no sistema educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso da leitura, nas diversas sociedades observa-se que as instituições de ensino preocupam-se em alfabetizar, mas não produzem leitores capazes de socialmente,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

exercer competências de leitura e escrita que os contextos sociais exigem. O fenômeno impõe a escola repensar suas funções e reconceitualização de texto e leitor, adequando-os às demandas sociais, ou seja, o ensino de leitura e escrita como prática pedagógica.

Diante da natureza descritiva desta pesquisa objetivou-se descrever as práticas de leitura dos docentes, dificuldade de praticar a leitura em aula e a significância da leitura. Os resultados apontam que os investigados praticam leitura em aulas. Apesar de a leitura ter significados subjetivos, pode ser utilizada para diferentes fins e em diversos momentos na prática pedagógica como aquisição de conhecimentos e informações, atualização profissional.

Em vista das ideias expostas nesta investigação, garantir acesso à leitura passa a ser uma tarefa de responsabilidade da sociedade como um todo. Ressalta-se que a construção de uma prática de leitura, não é apenas responsabilidade das instituições de ensino, mas do contexto social em todas as suas vertentes: econômicas, políticas, culturais, na medida em que a escola não trabalha isoladamente. O desafio é vincular a instituição de ensino a este contexto de formação de cidadãos, críticos e reflexivos sem, no entanto, perder a sua identidade, as suas características.

Esta investigação proporcionou a construção de conhecimentos acerca das práticas de leitura na perspectiva de uma prática pedagógica, significados da leitura para os docentes e os principais obstáculos da prática ou mediação da leitura nas aulas. Esta pesquisa pode subsidiar o desenvolvimento de outros questionamentos que envolvam, por exemplo, a relação com tipos mais diversificados, de suporte e de gênero de texto utilizados em sala de aula que são mediados pelo docente. Deve permitir um estudo sobre as práticas de leitura como metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem e diversos níveis. Assim, através do acesso a essa geração de conhecimento, é possível que tenhamos a nosso alcance elementos de natureza diversa, advindos das concepções de práticas pedagógicas contemporâneas, que possam contribuir para as outras abordagens de pesquisa e de ensino da leitura na área da educação.

REFERÊNCIAS

AMORIM, G. (Org.) **Retratos de leitura no Brasil**. Instituto Pró-livro. Brasília, 2010.

ANDRÉ, M. E. D. **Etnografia da prática escolar**. 12. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CHARTIER, R. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 2010.

DEMO, P. **Leitores para sempre**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

FAILLA, Zoara. (Org.) **Retratos da leitura no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Tradução de Bruno chalés Magne. Porto Alegre: arte Médicas, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2008.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

GARCEZ, E. M. S; RADOS, G. J.V. Biblioteca híbrida: um novo enfoque no suporte à educação a distância. **Ciência da Informação**, v.31, n.2, p. 22-51, maio/ago. 2002.

NEGRAO, S. M. V. Eu leio, Tu lêes , ele lê , somos todos leitores? **Revista Teoria e Prática**. Maringá, v. 7, n.1, p. 83-90, jan./abr. 2004.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 2000.

SACRISTÁN, J. G. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Porto: Editora Porto, 1999. Cap. 3, p.63-92.

OLIVEIRA, A. A. de. **Práticas de leitura de estudantes do curso de Pedagogia**. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais16/sem12pdf/sm12ss01_05.pdf. Acesso em: 15 jan. 2009.

VEIGA, I. P. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas: Papyrus, 1992.

ZABALA, A. **Prática educativa: como ensinar**. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. **Leitura: perspectiva interdisciplinar**. São Paulo: Ática, 2004.